

Uma obra para a vida toda

Karin Thrall - *doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP), editora na Anadarco Editora & Comunicação*

O livro **2012: o ano da profecia maia** (título original, *2012: the return of Quetzalcoatl*) surgiu a partir de uma inquietação do autor quando beirava seus trinta anos e era jornalista de grandes revistas de moda e design em Nova York. Naquela época, **Daniel Pinchbeck** passou a não mais engolir o que a mídia e a cultura ao seu redor lhe ofereciam como explicação para o funcionamento do mundo. Como muitos de nós, achou que deveria haver alguma outra forma de se lidar com a vida, algo que pudesse ir além de escrever matérias fúteis sobre sapatos, de aceitar passivamente que a natureza ao nosso redor seja destruída e que os sistemas econômicos gerem cada vez mais um número maior de excluídos. **2012: o ano da profecia maia** é o resultado dessa inquietação.

Ao longo de pouco mais de 400 páginas, o livro apresenta uma teoria radical – a de que a consciência humana está se transformando de forma subliminar e que essa mudança implica numa transformação na nossa concepção de tempo, de espaço e de nossa própria individualidade. Para defender sua tese, Pinchbeck não faz previsões, mas tece um arcabouço filosófico esboçando sinais que deverão ajudar a compreender essa transição. Para isso, traz a contribuição de importantes pensadores, filósofos e cientistas como Carl Jung, Rudolf Steiner, Herbert Marcuse, Friedrich Nietzsche, Walter Benjamin, William Irvin Thompson, Amit Goswami e Fritjof Capra, entre tantos outros, além de traçar paralelos com o pensamento oriental e o ocultismo ocidental. Permeada ainda pelo processo de descoberta do próprio autor, a obra resulta em uma interessante análise do pensamento moderno e dos alcances da psique humana. Ao fazer um diagnóstico da “racionalidade irracional” (emprestando-se palavras de Herbert Marcuse) que aflige o fundamento de nossas sociedades, o livro traz grande contribuição para o pensamento contemporâneo e faz com que seja uma obra para a vida toda.

Segundo Pinchbeck, a mudança em curso indicaria que, de uma visão linear e determinista construída pela modernidade, passaríamos a ter uma visão cíclica e suprassensível da realidade. A obsessão pela pelo progresso daria lugar ao desenvolvimento de níveis de consciência negados e reprimidos pelo ímpeto materialista de nossa civilização atual. E a mudança se tornaria mais evidente (mas não seria necessariamente totalmente concluída) na medida em que nos aproximamos de dezembro de 2012.

Nossa imaginação constroi a realidade

De acordo com o calendário sagrado dos maias, civilização pré-colombiana que viveu no que é hoje a Guatemala, essa data significa o fim de um grande ciclo de mais de cinco mil anos e o início de outro. Diversas outras culturas também apresentam possíveis transformações iminentes: alguns acreditam na segunda vinda de Cristo; outros, no início da Era de Aquário; já a tv e o cinema disseminam uma onda de destruição cataclísmica. Mas a ideia de um fim de mundo como cliché cultural está muito distante da proposta de Pinchbeck. Para ele, o fim do calendário maia e o retorno da divindade

Quetzalcoátl são arquétipos (imagens primordiais presentes no inconsciente coletivo) e seu significado aponta para uma transformação na natureza da psique.

O resultado dessa transformação seria a rápida criação e desenvolvimento de novas insituições e estruturas sociais correspondentes ao nosso novo nível mental. Isso não é tão impossível de se imaginar se pensarmos que, nos últimos dois séculos, a superfície da Terra foi totalmente remodelada. Se mudarmos nosso modo de pensar, então a realidade poderia ser transformada mais uma vez. E a partir daí, começaríamos a compreender que é efetivamente nossa imaginação que determina o tipo de realidade que enxergamos e construímos.

O retorno ao mito é a quinta-essência de uma consciência pós-moderna

Essencial para esse processo de transformação é uma mudança em nossa compreensão dos mitos. Podemos passar de um tipo de percepção no qual o mito é considerado algo ultrapassado, para uma cultura planetária na qual o mito seja considerado igual, mas não idêntico, às narrativas científicas. Mas o que poderia ser esse retorno ao mito? Seria uma regressão à mentalidade supersticiosa do passado? E em que medida os pressupostos de nossa visão de mundo atual – materialista ou baseada na ciência – não seriam de fato míticos ou metafísicos?

É possível que a forma mítica de pensamento das culturas indígenas e tradicionais continue sendo uma orientação válida para compreender a realidade, “uma forma de conhecimento que precisamos conciliar com nosso próprio conhecimento”, explica o autor. Não se trata, portanto, de rejeitarmos a visão científica do mundo e o conhecimento empírico adquirido ao longo dos últimos séculos, mas de avançarmos em direção a uma compreensão mais holística e integrada de nossa própria mente. É preciso, de certa forma, resgatar as características do homem arcaico suprimidas dentro de cada um de nós.

Longe de ser algo supérfluo, pertencente somente ao reino das fábulas, o mito tece a realidade do mundo. Toda cultura baseia-se em um substrato mitológico que oferece uma determinada base para compreender e interpretar a realidade. De acordo com a perspectiva do analista Carl Jung, a estrutura do mito é profundamente arraigada nos processos ocultos da psique, e esta estrutura se repete universalmente nos indivíduos e em todas as sociedades humanas. Sob esse ponto de vista, as investigações que Pinchbeck se propôs a fazer sobre círculos em plantações, abduções alienígenas, experiências alucinógenas, xamanismo amazônico e o fim dos tempos – temas aparentemente excêntricos – tornam-se passíveis de questionamento e investigação. Na medida em que os fenômenos humanos – suas criações, engenharias, idiosincrasias e superstições – são entendidos como parte de nossa natureza psicofísica, as fábulas kafkianas que criamos apresentam relevância fundamental para o entendimento de nossa evolução. E o homem só poderá progredir quando estiver mais familiarizado com sua própria natureza.

Perspectiva psicofísica e não-dualista da existência

Há várias décadas, as medições na física quântica já inserem nossa consciência no chamado mundo objetivo. Isso significa que não existe um mundo material fixo e independente, mesmo quando ninguém o esteja observando. O mundo, segundo a física quântica, se resume ao que o observador deseja ver. Nesse sentido, a física nos oferece uma visão não-dualista da existência, ao propor que é a consciência – e não a matéria – que constitui o fundamento da realidade do universo.

Físicos como Amit Goswami e filósofos como Rudolf Steiner, apresentados por Pinchbeck em sua obra, compreendem o ser humano como um ser integrado, incorporado num universo que, em sua essência, é psicofísico, no qual não há “outro mundo” que se contrapõe a “este mundo” e no qual nossos pensamentos e fantasias são extensões dos processos naturais. Para esse conjunto de pensadores, pensar é um aspecto da realidade – tanto quanto qualquer outro objeto ou processo físico – e não pode ser amputado dela. E Pinchbeck nos lembra que essa perspectiva não-dualista da existência há muito faz parte de diversas filosofias orientais, como o *I Ching*, o *Dzogchen* do budismo tibetano, e as filosofias do hinduísmo. As civilizações fundadas em mitos e as culturas tradicionais acreditam que os seres humanos são indissociáveis das leis naturais e dos ciclos cósmicos. “A realidade mística e o ocultismo ocidental são maneiras de se conceber a realidade que se aproximam mais da arte ou da música barroca”, sugere William Irvin Thompson. O movimento para além do pensamento linear e dualista abre significados polivalentes e modalidades mitopoéticas exigindo serenidade e um sólido vínculo com a realidade, equilíbrio difícil de se atingir.

Afirmações como essas deixam de ser radicais e distantes do atual rumo dos acontecimentos no mundo. Por mais caótica que a situação atual pareça, como uma grande nau à deriva, totalmente sem orientação, Pinchbeck acredita que o rápido desenvolvimento da tecnologia e a destruição da biosfera são subprodutos materiais de um processo psicoespiritual que ocorre em escala planetária. Geramos essa crise para forçar nossa própria transformação acelerada. Inconscientemente, o surgimento da crise foi vontade nossa. A consciência humana, elemento sensível da Terra, está em processo de se auto-organizar em uma condição mais intensa de ser e de saber. Quando os hopis (tribo indígena norte-americana) falam do Quinto Mundo ou quando os astecas prenunciam o Sexto Sol, quando São João profetiza a descida da Cidade Celestial (Nova Jerusalém), todos eles estão descrevendo a mesma coisa: uma transformação na natureza da consciência.

Desdobramentos

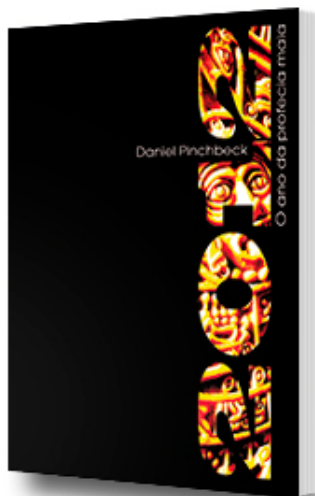
Para Pinchbeck, um texto só pode atuar como um arcabouço de conceitos, uma escada para que outros possam subir. O conhecimento real que o livro sugere deve ser conquistado e vivido por cada indivíduo à sua própria maneira. Na opinião do autor, para entender a crise global e revertê-la, cada pessoa tem de rever seu próprio processo individual, confrontando seus mecanismos habituais de fuga e negação, superando seu medo e cinismo condicionado. Ao mesmo tempo, é necessário um ativo envolvimento para que a mudança realmente aconteça.

Os desdobramentos do livro resultaram na publicação de uma revista digital que fomenta a transformação da cultura (www.realitysandwich.com) no contexto de um movimento social que procura desenvolver um sistema de valores emergentes baseados na sustentabilidade e na conexão humana (www.evolver.net). Além disso, Pinchbeck é produtor executivo no documentário *2012: tempo de mudança*, do cineasta brasileiro João Amorim (www.2012timeforchange.com). Enquanto muitos escutam as sirenes dos alarmes que não param de tocar (aquecimento global, crise econômica...), Daniel Pinchbeck responde a esses sinais contribuindo para a criação de uma cultura onde a colaboração substitui o materialismo estéril que empurrou nosso mundo à beira do abismo.



Para esse autor com pouco mais de quarenta anos, filho de personagens da geração *beat* norte-americana, o tempo de mudança é agora. E sua grande contribuição está em oferecer uma perspectiva da realidade que tem a chance de abrir canais de percepção para leitores de diferentes idades. Basta que estejamos dispostos a dar o salto para o outro lado.

Ficha Técnica



Título	<i>2012: o ano da profecia maia</i>
Editora	Anadarco Editora
Autor	Daniel Pinchbeck
Título original	<i>2012: the return of Quetzalcoatl</i>
Tradução	Fabio Said
ISBN	978-85-60137-23-7
N. páginas	416
Preço de capa	R\$54,00 (livrarias)/ R\$40 (livraria virtual Anadarco)
Contato	Karin Thrall - karin@anadarco.com.br (11) 2737-5317/ (11) 9910-5356
Blog e informações	www.2012oano.wordpress.com / www.anadarco.com.br